

DIONISO: O DEUS ESTRANGEIRO MASCARADO¹

Leandro Mendonça Barbosa²

Resumo: O que se pretende com este trabalho é uma breve reflexão sobre algumas facetas de Dioniso, como a afirmação de alguns estudiosos o vendo como um deus do êxtase; outros como um deus violento. Pretende-se também uma discussão sobre sua origem, que também é controversa. Chegou-se em um consenso quanto a Dioniso ser estrangeiro, porém de onde veio e quem o gerou ainda é pauta para diversas análises distintas. Finalmente, pretende-se uma análise de como este culto era abordado na tragédia, através do texto trágico supracitado.

Palavras-chave: Dioniso; tragédia; máscara.

Introdução

Os estudos acerca da religião grega sempre foram permeadas por questões relacionadas ao imaginário. Autores como Jean Pierre - Vernant e Marcel Detienne se preocuparam com o pensamento social grego. Uma divindade em particular sempre mexeu com o imaginário grego e a capacidade individual e coletiva de culto: trata-se do seu Dioniso. Uma das figuras mais debatidas e controversas da religião grega, Dioniso nunca foi estático, esteve sempre em mudanças - de aspectos e também de lugares - um deus epidêmico, como afirma Detienne:

"(...) Dioniso organiza o espaço em função de sua atividade ambulatória. É encontrado por toda parte, em nenhum lugar esta em casa. Nem mesmo em um antro ou em um esconderijo na montanha, menos ainda à entrada de um santuário ou à luz de um templo urbano (...). Há em Dioniso uma pulsão 'epidêmica' que o afasta dos outros deuses de epifanias regulares, programadas e sempre arrumadas segundo a ordem de culto das festas oficiais, e cada uma a seu tempo" (DETIENNE, 1988: 14 - 15).

¹Trabalho apresentado no VI Encontro Nacional de História Antiga: Arte, Poder e Sexualidade, realizado na cidade de Pelotas, sob o título "As Diversas Máscaras de Dioniso".

²Mestrando em História pela Universidade Federal de Goiás. leandromemorialista@gmail.com.

Aceitando a idéia que Dioniso era um deus "nômade" e migrante, Detienne o coloca como um estrangeiro perseguido pelo poder oficial. Na tragédia *As Bacantes*, de autoria do escritor Eurípides, percebe-se este mal estar, quando o rei de Tebas, Penteu, se refere a Dioniso como um deus estrangeiro e maléfico, pois desvirtuou as mulheres, que saíram errantes pelos bosques: "*Desta terra ausente, ouvi falar de outros males que caíram sobre esta cidade; que nossas mulheres abandonam seus lares, correm pelos montes bocosos ao venerar com danças um tal Dioniso, um novo deus.*" (grifo nosso) (EURÍPIDES, v. 215). Através deste trabalho, pretendemos realizar uma reflexão acerca da figura do deus Dioniso que permeia o imaginário grego, através de seu processo ritual e do menadismo, bem como sua personificação na tragédia, principalmente a euripidiana.

As origens estrangeiras

A origem do deus Dioniso, como já foi dito, é controversa. Karl Kerényi aponta duas possíveis origens:

"(...)Num grupo de histórias que lhe dizem respeito, ele nasceu - como também nasceu Hércules, filho de Alcmena - de mãe mortal. Em outras histórias, considerado filho de Perséfone. Dioniso recebeu o sobrenome Ctônio, 'o subterrâneo'" (KERÉNYI, 2002, 193)

Kerényi não contribui quanto a esclarecer qual destas duas origens foi a mais difundida, porém uma coisa é dada como certa, Dioniso é um deus estrangeiro; provavelmente asiático. Apesar das fontes serem muito controversas, todas estão em concesso quanto a origem do deus, como mostra José Antônio Dabdab Trabulsi:

"(...)Segundo Heródoto (II, 49), o culto de Dioniso veio do Egito, por intermédio de fenícios, estabelecidos com Cadmo da Beócia. Heródoto assinala ainda (II, 145) que, diferentemente do que os Egípcios pensavam de Osíris, os gregos consideravam Dioniso como um dos menos antigos de seus deuses. Para Eurípides ("*Bacantes*", 13 - 24), o ponto de partida se situa na Lídia e na Frígia, mas o deus percorreu muitos outros países

antes de chegar a Tebas. Muito mais tarde, Diodoro situa Dioniso na Índia e, o que é mais interessante, ele assinala que muitas regiões reivindicam o título de berço de Dioniso" (Diodoro, III, 63, 66)

Retomando o texto supracitado de "As Bacantes", quando Penteu afirma "(...) Dioniso, um novo deus" (EURÍPIDES, v. 215), subintende-se que realmente Dioniso chegou a Tebas posteriormente ao surgimento de outros deuses.

O culto

Adentrando na discussão relacionada ao culto do deus na sociedade, que chegou primeiramente a Tebas e, posteriormente, ao restante da península balcânica, percebemos que o ritual mantinha uma tradição conservada não impostando o local ou a classe social dos indivíduos que participavam.

"(...) Celebradas em data fixa, sob a orientação do arconte rei associado a outros magistrados, segundo tramites regulamentares, todas as festas de Dioniso, na Ática do século V, são cerimônias oficiais de caráter plenamente cívico. Quer se desenrolem publicamente, nas ruas e nos templos, ou em privado, em cada lar, obedecem a um enredo ritual rigorosamente fixado pela tradição. Toda a Cidade - urbanos e camponeses - participa. Os escravos associam-se a elas e até, no caso das *Chòes*, as crianças de mais de três ou quatro anos. (VERNANT, 1991: 164)

O ritual praticado por segmentos da sociedade adentrou nas outras *polis* gregas. Em Atenas, este ritual era praticado por moças da sociedade, que carregavam enormes pênis alados pelas ruas da cidade, como representação do deus (SISSA e DETIENNE, 1990). Porém algumas outras facetas do rito não eram tão aceitas por toda a população, e muitos cultos deveriam ser praticados nos bosques, longe dos olhos do poder oficial, transformando assim Dioniso em uma divindade *ctônica*, dos bosques a florestas. As mênades eram as principais sacerdotisas do deus; estas mulheres que saíam errantes pelos bosques, praticavam no culto atos orgiásticos não eram bem vista pelo poder oficial, já que saíam da ordem pré-estabelecida da sociedade. "*Poseídas por el dios, sus*

fieles, en estado de éxtasis, recorren la montaña con antorchas, abandonando sus casas y entregándose a una caza desenfreada." (ZAIDMAN e PANTEL, 2002: 150).

Uma outra faceta do deus durante o culto é discutida por René Girard. O antropólogo coloca Dioniso na posição de um deus violento, que não mede esforços para atingir seu objetivo e não perdoa quem vai contra suas idéias (GIRARD, 1990). Isto é visto com clareza em dois momentos de *As Bacantes*. Primeiramente no verso, quando Dioniso destrói o palácio do rei Penteu, por este não reconhecer Dioniso como divindade. Na parte final do texto trágico há a descrição da morte de Penteu por sua própria mãe Ágave - que se encontrava em estado de êxtase, possuída pelo deus - quando Dioniso convence o rei tebano a se vestir de mulher e conferir o ritual. A morte do rei se dá de uma forma extremamente cruel:

"(...) De ambas as mãos lhe segura o braço esquerdo, e com seu corpo em arco tendido, pés fincados no flanco do mísero, lho arranca da espádua, não com a própria força apenas, mas com aquela que em suas mão um deus depôs. Do outro lado, com igual esforço se aplica Ino, dilacerando-lhe as carnes, a vinha depois Autônoe com as demais bacantes todas. Era um rumor confuso, gemendo ele, com o último alento, gritando elas o clamor da fúria. Levava esta um braço, aquela um pé, calçado ainda. Desnudados, já lhe apareciam os ossos, nos flancos abertos. Todas, de mãos sanguinolentas, como bolas se entre jogavam as carnes de Penteu, em farrapos." (EURÍPIDES, v. 1114)

A tragédia e a máscara

Não se pode dissociar a dramatização das tragédias gregas que envolvem divindades sem atentar-se para a representação real que era conferida a esta divindade. A representação do culto dionisíaco foi retratado na tragédia ou, como afirma Junito de Souza Brandão, a tragédia nasceu do culto Dioniso (BRANDÃO, 1985: 9), bem como sua representação; tanto que Pierre Grimal aponta que provavelmente o mais antigo local de espetáculos em Atenas é o teatro Dionysos Eleuthereus (GRIMAL, 2007: 14). Estes teatros funcionavam como espaços de relações sociais, onde os espectadores

assistiam e acatavam ou não as opiniões do autor da peça. As pessoas em sua maioria também possuíam um caráter social, seja para questionar ou elogiar a política, as práticas culturais ou religiosas.

Para se obter uma representação do deus e tornar a peça mais convincente, no caso de Dioniso as máscaras foram objetos imprescindíveis. De acordo com Roger Chartier a representação vem através de signos para se materializar o subjetivo: "...uma dupla função são deste modo atribuídos à representação: tornar presente uma ausência, mas também exibir sua própria presença enquanto imagem e, assim, constituir aquele que a olha como sujeito que olha" (CHARTIER, 2002: 165). As máscaras usadas para representar o teatro dionisíaco tornava real aquilo que permeava o imaginário do espectador e, se tratando de Dionísio, o imaginário contava com diversas facetas:

"Nenhum deus do panteão grego apresenta maior pluralidade de caráter e de aspectos da personalidade, todos revestidos de suas respectivas máscaras, como Dioniso. Máscaras atemporais, mas metamorfoseantes no espaço em que o deus se encontra, sempre objetivando demonstrar ou conseguir alguma coisa." (FORTUNA, 2005: 55)

Marlene Fortuna, realizando uma leitura de Michel Maffesoli, atribui a Dioniso nove máscaras, que vão desde a máscara do amor, da saúde, das paixões e da democracia até as da rebeldia, do ódio e da irracionalidade. Como um mesmo deus pode ser tão controverso em suas representações sem dúvida é fascinante, e cabe aos estudiosos o papel de problematizar estas questões.

Referências bibliográficas

BRANDÃO, Junito de Souza. *Teatro Grego: tragédia e comédia*. 9ª edição. Petrópolis: Editora Vozes, 1985.

CHARTIER, Roger. *À Beira da Falésia: a história entre certezas e inquietudes*. Trad. Patrícia Chittoni Ramos. Porto Alegre: Editora Universidade Federal do Rio Grande do Sul, 2002.

DETIENNE, Marcel. *Dioniso a Céu Aberto*. Trad. Carmem Cavalcanti. Rio de Janeiro:

Jorge Zahar Editor, 1988.

_____. *Dionysos mis à mort*. Paris: Gallimard, 1998.

EURÍPIDES: *As Bacantes/β(κχαι*. Trad. Trajano Vieira. São Paulo: Editora Perspectiva, 2003. [Edição bilingue Português - Grego]

FORTUNA, Marlene. *Dioniso e a Comunicação na Hélade: o mito, o rito e a ribalta*. São Paulo: Annablume, 2005.

FRANÇOISE, Laplantine e TRINDADE, Liana. *O que é Imaginário*. São Paulo: Editora Brasiliense, 1996.

GIRARD, René. *A Violência e o Sagrado*. 2ª edição. Trad. Martha Conceição Gambini. São Paulo: Editora Universidade Estadual Paulista, 1990.

GRIMAL, Pierre. *O Teatro Antigo*. Trad. Antônio M. Gomes da Silva. Lisboa: Edições 70, 2007.

LESKY, Albin. *A Tragédia Grega*. 2ª edição. Trad. J. Guinsburg, Geraldo Gerson de Souza e Alberto Guzik. São Paulo: Editora Perspectiva, 1990.

KERÉNYI, Karl. *Dioniso: imagem arquetípica da vida indestrutível*. Trad. Ordep Trindade Serra. São Paulo: Odysseus Editora, 2002.

_____. *Os Deuses Gregos*. Trad. Octávio Mendes Cajado. São Paulo: Editora Cultrix, 2002.

SOUSA, Eudoro de. *Dioniso em Creta e Outros Ensaio: estudos de mitologia e filosofia da Grécia antiga*. São Paulo: Duas Cidades, 1973.

TRABULSI, José Antonio Dabdab. *Dionisimo, Poder e Sociedade na Grécia até o fim da época clássica*. Belo Horizonte: Editora Universidade Federal de Minas Gerais, 2004.

VERNANT, Jean - Pierre. *Figuras, Ídolos, Máscaras*. Trad. Telma Costa. Lisboa: Editorial Teorema, 1991.

ZAIDMAN, Louise Bruit e PANTEL, Pauline Schmitt. *La religión Griega en la polis de la época clásica*. Trad. Maria de Fátima Díez Platas. Madri: Ediciones Akal, 2002.